


A GRAMÁTICA CONFIGURADA NOS USOS: QUESTÕES HISTÓRICAS E DIRECIONAMENTOS TEÓRICO-ANALÍTICOS

André V. Lopes Coneglian*

 <https://orcid.org/0000-0003-1726-8890>

O FATO HISTÓRICO EM QUESTÃO: OS 25 ANOS DO GRUPO DE PESQUISAS GRAMÁTICA DE USOS DO PORTUGUÊS

The scientist, whether explicitly or implicitly, is always engaged in a dialog with one or more putative interlocutors in his/her relevant community of science (GIVÓN, 2005, p. 219).

■ **É** fato sabido que a construção do conhecimento geral é um processo cooperativo entre indivíduos e o ambiente (sócio-físico-cultural) de que fazem parte. Também é inquestionável que a construção do conhecimento científico é um processo igualmente colaborativo e cooperativo entre indivíduos que, como diz Laudan (2011, p. 317), reconhecem um “senso de curiosidade [...] sobre o mundo e sobre si mesmo[s] [...] tão irresistível quanto sua necessidade de vestir-se e de comer”. Um campo que provê experiência singular nesse processo colaborativo de construção do conhecimento científico são os grupos de pesquisa, que reúnem pesquisadores e alunos em torno de um interesse comum de investigação.

No contexto da pesquisa científica brasileira, a formação e a constituição desses grupos são encorajadas, até mesmo institucionalmente, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que, desde 1993, tem mantido um rigoroso registro¹ de grupos de pesquisa formados no país.

O caso particular que se destaca, aqui, é o do grupo de pesquisas Gramática de Usos do Português, fundado em 1996, pela Professora Maria Helena de Moura

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Brasil. E-mail: coneiglian@ufmg.br.

¹ O diretório de grupos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pode ser acessado pelo link: <https://lattes.cnpq.br/web/dgp/home>.

Neves, quem, até hoje, o coordena ativamente. O grupo, registrado no CNPq desde a sua fundação, surgiu na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), no *campus* de Araraquara, em São Paulo, e, atualmente, está sediado na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Assume uma orientação funcionalista para o estudo da linguagem e da gramática, com desdobramentos em áreas correlatas, como a Linguística do Texto e o ensino escolar da gramática. Participam do grupo pesquisadores que se formaram sob orientação da Professora Maria Helena de Moura Neves e que, em sua maioria, atuam em instituições de ensino superior (IES) de diferentes regiões brasileiras, cujas pesquisas tocam temas diversos e se conduzem por diferentes visões funcionalistas. Participam, também, alunos de ensino superior, de todos os graus, ainda em formação.

O ano de 2021 marcou os 25 anos do grupo. Em comemoração, ao longo do mês de abril desse ano, aconteceu o histórico evento Descrição dos Usos Gramaticais do Português: 25 Anos de Pesquisa², que reuniu pesquisadores e pós-graduandos ligados ao grupo de pesquisas Gramática de Usos do Português, cujo objetivo geral foi apresentar trajetórias de pesquisa dos participantes, desde a sua formação inicial até as pesquisas atuais que desenvolvem. Para os pós-graduandos, a proposta específica foi a de apresentar suas pesquisas em andamento; para os pesquisadores – em sua esmagadora maioria, professores de IES –, a proposta específica foi organizar uma apresentação que respondesse a duas perguntas: “O que pesquisei no início de minha formação acadêmica e o que estou pesquisando atualmente?” e “Como avalio a construção desse percurso de pesquisa?”.

O evento marcou um verdadeiro encontro de diferentes gerações de pesquisadores que deram testemunho, cada um a seu modo, da importância que a Professora Maria Helena de Moura Neves tem e da diferença que ela fez na vida de cada um. Ficou claro, ao longo das apresentações, que, para todos que fazem parte dele, o grupo de pesquisas constitui-se como um espaço tanto de aprendizagem e crescimento acadêmico quanto de formação de vínculos e laços que se sustentam tempo afora.

O Dossiê que ora se apresenta reúne artigos originais de pesquisadores que se formaram no âmbito do grupo de pesquisas Gramática de Usos do Português. A linha central, como o próprio tema do Dossiê anuncia, é a gramática configurada nos usos.

O OBJETO TEÓRICO EM QUESTÃO: A GRAMÁTICA CONFIGURADA NOS USOS

Resulting from human activity, language partakes in its purposefulness. Whether [sic] one analyses language as expression or as communication, it is the intention of the speaker which can explain it in a most evident and most natural manner. For this reason, linguistic analysis should respect the functionalist standpoint. Seen from the functionalist viewpoint, language is a system of purposeful means of expression (Prague Linguistic Circle, 1983, p. 77, grifo do autor).

2 A programação completa do evento pode ser encontrada em: <https://www.mackenzie.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado/sao-paulo-higienopolis/letras/noticias-e-eventos/arquivo/n/a/li/descricao-dos-usos-do-portugues-25-anos-de-pesquisas>. As apresentações estão disponíveis no YouTube, por meio do link: <https://www.youtube.com/watch?v=pfwlXdSfoj4&list=PLCxoaZvzuj-63NLG7VDtShHWbCKJwfRsH>.

Na palestra de encerramento do evento comemorativo³, Maria Helena de Moura Neves assumidamente parte do pressuposto de que não há exercício científico que não esteja, na base, vinculado a uma visão teórica. E, a partir daí, Neves oferece uma lição básica sobre investigar a gramática nos usos da linguagem. Diz ela que “a tarefa de nós, analistas, é pegar dados [de linguagem] e transformá-los em fatos gramaticais”.

De um ponto de vista funcionalista, como bem revela a epígrafe que abre esta seção, a linguagem humana se efetiva nas interações sociais entre indivíduos. Aí está o ponto de partida para a investigação da funcionalidade da linguagem: os propósitos e as intenções que movem e que dirigem as interações verbais. Essa lição tem sido incorporada de diferentes modos em diferentes vertentes funcionalistas, mas é na proposta da Gramática Funcional, de Simon Dik (1997), que, em seu modelo estruturado de interação verbal, equaciona o peso das intenções do falante na formulação de expressões linguísticas e a determinação do ouvinte na interpretação dessas expressões.

Atuando no campo científico do funcionalismo, Neves tem, com sua obra, estabelecido um programa de pesquisa e de investigação da linguagem sem explicitamente assumir compromissos com um ou outro modelo funcionalista. Antes, essa grande pesquisadora estabelece um território próprio dentro do Funcionalismo, marcado pela concentração na “vivência da linguagem” (NEVES, 2010), isto é, pela gramática vista na língua em função, nos textos. Diz a autora que

Essa visão representa olhar reflexivamente a língua que se manifesta pela *ativação da linguagem*. Representa olhar *a língua em uso*, em contexto de situação e em contexto de cultura, *em inter-relações e em interfaceamento*. [...] A proposta é fugir da absurda visão de que a gramática constitui um conjunto de esquemas isolado e autônomo [...] O que se pretende [...] é, pelo contrário, fazer ver *a gramática da língua como a responsável pela produção de sentido na linguagem*, como a responsável pelo entrelaçamento discursivo-textual das relações que *se estabelecem na sociocomunicação, sustentadas pela cognição* (NEVES, 2010, p. 9, grifo nosso).

No trecho que se oferece da Apresentação à obra *Ensino de língua e vivência de linguagem* (NEVES, 2010), vem revelada toda a concepção teórica que define e determina os rumos da pesquisa funcionalista pela vivência da linguagem. O ponto fulcral está em assumir a “ativação da linguagem”, isto é, “a língua em uso” como o território no qual se resolve toda a gramática da língua, pois é nas relações sociocomunicativas e na compactuação interacional entre interlocutores que fica efetivada a ativação da linguagem, sempre “sustentada pela cognição”.

Uma vez que a linguagem humana tem o potencial de criar significações que mantêm estreita relação com a experiência humana, a tarefa do linguista é não só explicar o modo pelo qual as significações são construídas (HASAN; FRIES, 1995), mas também explicitar as relações sistêmicas entre as significações e o material linguístico convencional de uma comunidade de fala, afinal, a gramática é um sistema simbólico. Nesse modo de condução, o tratamento conferido à linguagem como produtora de significações naturalmente implica direcionar a atenção aos expedientes léxico-gramaticais, nos termos de Halliday (1994), e ao

3 O vídeo da palestra está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pfwlXd5Foj4>. Acesso em: 14 fev. 2022.

papel que eles desempenham na construção linguística da experiência, entendida, de um ponto de vista linguístico, como “a realidade que os falantes constroem para si por meio da linguagem” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2006, p. 3). Nessa medida, a explicitação da relação sistêmica entre os expedientes léxico-gramaticais e a função que desempenham na construção das significações assenta-se na proposição de um interfaceamento entre forma e função, ou, de um interfaceamento entre os componentes sintático, semântico e pragmático da linguagem (GIVÓN, 1995; NEVES, 2011).

Daí resulta uma concepção funcionalista muito particular de *gramática* como mecanismo multicomponencial que “organiza as relações, constrói as significações e define os efeitos pragmáticos” (NEVES, 2006, p. 11). É multicomponencial porque sintaxe (organização das relações), semântica (construção das significações) e pragmática (definição de efeitos comunicativos) operam conjuntamente na composição de enunciados. E é funcional porque os componentes são vistos em interface, com determinação do funcional (componentes semântico e pragmático) sobre o formal (componente morfossintático) na composição de enunciados.

O CONTEÚDO E A ORGANIZAÇÃO DESTES DOSSIÊ

O Dossiê se inicia com o artigo “O sujeito indeterminado na fala de *videologs* brasileiros”, de Felipe Goulart, cuja proposta central é fazer um mapeamento dos diferentes meios de expressão de indeterminação do sujeito na modalidade informal de uso da língua, com base em um *corpus* original de *videologs*. A linha central do artigo é a de que o que tradicionalmente se denomina indeterminação resolve-se, funcionalmente, na semântica da referência genérica e da impessoalização. O ponto de partida está na discussão de estratégias já muito bem documentadas para o português brasileiro (CAMACHO, 2000; NEVES, 2011) e, a partir daí, Goulart examina o que pode levar um falante a escolher uma estratégia de indeterminação e não outra, bem como a interferência que o grau de formalidade da situação comunicativa pode exercer nessas escolhas. Muito significativamente, os resultados de Goulart mostram que a estratégia de indeterminação com o pronome *se*, muito bem descrita nas gramáticas tradicionais, é a estratégia menos preferida pelos falantes, no caso dos *videologs* analisados. São estratégias muito mais frequentes o uso de pronomes pessoais, como *you*, *tu*, *nós*, ou substantivos genéricos, como *person* e *people*. A análise mostra que cada uma das estratégias implica particularidades funcionais, seja no que toca a construção semântico-pragmática da significação, seja no que diz respeito à configuração discursiva. A conclusão que se apresenta é a de que a escolha do falante por uma ou outra forma de expressão da indeterminação liga-se a três pontos: o exato grau de indeterminação pretendido; o grau de formalidade da interação; e as pressões de natureza da própria construção referencial.

O segundo artigo, “A estrutura retórica da seção de resultados e discussão de artigos científicos dos colégios de Ciências da Vida e de Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinar”, de Juliano Desiderato Antonio, alcança dois objetivos centrais, a investigação das relações retóricas que configuram textos científicos e a descrição de expedientes linguísticos que sinalizam essas relações. Dentro do arcabouço da Teoria da Estrutura Retórica (MANN; THOMPSON, 1988) e com base em uma análise amostral de dez artigos acadêmicos, fica revelado que a relação retórica interpretação é a mais frequente e, como discute Antonio, muito

provavelmente a relação caracterizadora das seções resultados e discussão dos artigos analisados. Dada a natureza do gênero artigo científico, Antonio mostra que elementos multimodais, como gráficos, quadros e tabelas, constituem parte fundamental da organização textual e defende que esses devem ser integrados à análise da estrutura retórica textual.

Também no campo da multimodalidade, o artigo “Construções mêmicas de internet no português brasileiro: uma análise verbo-visual”, de Wilquer Quadros dos Santos e Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale, descreve construções do gênero discursivo meme de internet, tanto no nível léxico-gramatical quanto no nível visual, com o aparato da Gramática Sistemico-Funcional (HALLIDAY, 1994) e da Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001). A combinação desses dois modelos não é incomum, no entanto, os autores propõem, no âmbito teórico, uma correspondência entre categorias sistemico-funcionais e categorias multimodais, chegando, assim, a uma proposta caracterizada por eles como “multifuncional” para a lida com artefatos multimodais, de natureza verbo-visual, como é o caso de memes de internet. Os principais resultados obtidos revelam, no nível representacional da experiência, a predominância de verbos que constroem processos materiais e relacionais e de orações no modo declarativo, no nível da organização interacional. Os autores concluem que os significados atribuídos aos memes decorrem de uma composição semiótica.

O artigo “Para uma visão do uso linguístico desvinculada de pautas”, de Maria Helena de Moura Neves, parte do entendimento de que uma primeira aproximação do uso linguístico não deve configurar uma atividade de cumprimento de padrões regrados ou pautados, mas, sim, uma atividade que direciona o olhar para a compactuação entre interlocutores e, assim, para a própria construção de sentido. Muito interessantemente, Neves desenvolve essa ideia na contramão, isto é, ela vai exatamente a peças do uso linguístico – manchetes de grandes jornais que circulam nas capitais do país – que, do ponto de vista do significado que constroem, não estão bem configuradas. Dessa forma, mostra Neves que a eficiência da linguagem não está necessariamente no fiel cumprimento de normas impostas, mas na própria composição e arranjo dos itens linguísticos no enunciado. Em conclusão, Neves faz ver que a lida com a gramática na língua em uso implica “reflexão analítica”, “visão crítica”, “percepção de contextos interculturais” e “ciência na base”.

O último artigo, “A microconstrução suporte ‘prender+X’ no italiano contemporâneo”, de Vânia Cristina Casseb-Galvão e Valeria Danuzzo, descreve os padrões gramaticais verificados em *corpus* de língua falada da construção suporte em questão no italiano contemporâneo, fazendo uma breve comparação com dados do português brasileiro contemporâneo. Com base teórica na Gramática de Construções da vertente baseada no uso (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), a análise se conduz a partir de duas questões essencialmente funcionalistas: 1. as configurações morfossintáticas e os significados das microconstruções elaboradas a partir de [prender+X]; e 2. os domínios semânticos instanciados por essas microconstruções. Como conclusão, as autoras argumentam que, independentemente de diferenças interlinguísticas, as construções de verbo-suporte são um fenômeno intrinsecamente ligado à vida da língua e às necessidades comunicativas dos falantes.

Em uma visão geral, os artigos que compõem este Dossiê têm como fio condutor a investigação da gramática na língua em uso, sob as mais diversas correntes

teóricas do Funcionalismo linguístico, sempre com atenção especial ao papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos. Alguns temas específicos são recorrentes, como: 1. a determinação do gênero discursivo no acionamento da gramática (nos artigos de Goulart, de Antonio, de Hirata-Vale e Santos, e de Neves); 2. a integração entre linguagem verbal e não verbal, na composição dos textos (nos artigos de Antonio e de Hirata-Vale e Santos); 3. a interferência do regimento da linguagem e do nível de formalidade nas escolhas léxico-gramaticais dos falantes (nos artigos de Goulart e de Hirata-Vale e Santos). No conjunto dos textos, o Dossiê traz à luz temas de interesse atuais na investigação da língua em uso, particularmente o modo como a gramática se configura nos usos.

Por fim, este organizador gostaria de destacar a importância dos grupos de pesquisas na formação e no desenvolvimento acadêmico de qualquer pesquisador, independentemente do grau de formação e do nível de atuação. O avanço da ciência só é efetivo quando se trabalha colaborativamente, e esses grupos podem ser um excelente território nos quais se estabelecem vínculos que promovem o desenvolvimento, a expansão e a democratização do conhecimento científico.

REFERÊNCIAS

- CAMACHO, R. G. Construções passiva e impessoal: distinções funcionais. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 44, p. 215-233, 2000.
- DIK, S. *The theory of functional grammar*. Part 1: the structure of the clause. 2. ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.
- GIVÓN, T. *Context as other minds: the pragmatics of sociality, cognition and communication*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. *Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition*. London: Continuum, 2006 [1999].
- HASAN, R.; FRIES, P. H. Reflections on subject and theme: an introduction. In: HASAN, R.; FRIES, P. H. (org.) *On subject and theme: a discourse functional approach*. Amsterdam: John Benjamins, 1995. p. XIII-XLV.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal discourse*. London: Arnold, 2001.
- LAUDAN, L. *O progresso e seus problemas: rumo a uma teoria do conhecimento científico*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization. *Text*, v. 8, n. 3, p. 243-281, 1988.
- NEVES, M. H. de M. *Ensino de língua e vivência de linguagem*. São Paulo: Contexto, 2010.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- NEVES, M. H. de M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

PRAGUE LINGUISTIC CIRCLE. Theses presented to the First Congress of Slavists held in Prague in 1929. In: VACHEK, J.; DUŠKOVÁ, L. (ed.). *Praguiana: some basic and less known aspects of the Prague Linguistic School*. Amsterdam: John Benjamins, 1983. p. 77-120.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.